



ELEMENTOS DE TEOLOGIA AMAZÔNICA (Elements of the Amazonian Theology)

Raimundo C. Gordiano

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

RESUMO

A Amazônia é detentora de inúmeras grandezas. Vastos territórios, variedades de espécies animais e vegetais, e complexidades culturais. A Igreja tem se envolvido e assumido a reflexão sobre a Amazônia propondo uma consciência abrangente entre a criação natural e cultural, portanto, que inclua a pessoa humana e suas expressões sócio culturais. Essa breve pesquisa é apresentada a partir do olhar sobre três diversidades presentes na região: naturais, culturais, eclesiais. Contempla dois aspectos das ações eclesiais locais e aponta três elementos relevantes na articulação da teologia amazônica. Nesse vasto e complexo mundo de possibilidade conclui que a presença divina nesse paraíso humano é plural. Por isso a reflexão teológica exige considerar o ardor eclesial peculiar que harmonize os aspectos teórico e prático, religioso e social, oficial e alternativo, eterno e temporal.

Palavras-chave: Amazônia; Missão; Igreja particular; Diversidades; Povos.

ABSTRACT

The Amazon is the owner of many great things. Vast territories, varieties of animal and plant species, and cultural complexities. The Church has been involved and assumed reflection on the Amazon by proposing a comprehensive consciousness between natural and cultural creation, therefore, that includes the human person and its socio-cultural expressions. This brief research is presented from the look at three diversities present in the region: natural, cultural and ecclesial. It contemplates two aspects of local ecclesial actions and points out three relevant elements in the articulation of Amazonian theology. In this vast and complex world of possibility it concludes that the divine presence in this human paradise is plural. That is why theological reflection demands that we consider the peculiar ecclesial ardor that harmonizes the theoretical and practical, religious and social, official and alternative aspects, eternal and temporal

Keywords: Amazon; Mission; Local Church; Diversity; People.

INTRODUÇÃO

Os elementos para uma teologia amazônica supõem a existência de uma grande variedade de possibilidades tanto na realidade concreta da vida na região, quanto na reflexão teórica despertada pela Palavra de Deus e pela vivência da fé. A região é detentora de uma imensidão territorial, e vasta composição natural, humana, social e cultural. A Igreja atuante nesse espaço geográfico não age apenas na defesa do meio ambiente, nem tampouco olvida esse aspecto. Dedicar-se em anunciar o Evangelho e construir o Reino de Deus entre os povos desses rincões. Por isso a reflexão nascida e construída a partir desse contexto é muito ampla. Não sendo possível mergulhar em toda sua profundidade contempla-se tão somente três aspectos: três diversidades; duas ações eclesiais; três elementos relevantes na articulação da teologia amazônica.



1. TRÊS DIVERSIDADES DA GRANDEZA AMAZÔNICA

A Amazônia é detentora de inúmeras grandezas. Vastos territórios, variedades de espécies animais e vegetais. Uma diversidade de componentes em suas águas. E a história de seus povos também marcada por complexidades. Correspondendo aos objetivos desse texto, faz-se notar apenas alguns tópicos referentes às diversidades naturais, humanas e culturais da região.

A) DIVERSIDADE NATURAL

A biodiversidade amazônica é destacada quase sempre a partir do conjunto da natureza: peixes, animais, plantas, árvores, insetos e os tipos de águas que compõe o quadro dessa riqueza incalculável em valor financeiro, validada como fonte e berçário de vida. Citando o Ministério do Meio Ambiente, o texto base da CF 2017 diz: “A Amazônia é quase mítica: um verde e vasto mundo de águas e florestas, onde as copas de árvores imensas escondem o úmido nascimento, reprodução e morte de mais de um terço das espécies que vivem sobre a Terra”. A extensão territorial, apenas da parte brasileira é de 4.196.943 milhões de quilômetros quadrados¹.

Quanto aos tipos de seres vivos, são mais de 4.200 espécies já catalogadas e muitas ainda desconhecidas, entre animais, peixes, insetos e outros seres. São 2.500 espécies diferentes de árvores e 30.000 espécies de plantas a enriquecer esse espaço². Muitas espécies correm o risco de serem extintas antes de serem identificadas. Com magnitude própria destacam-se também as águas amazônidas. Dois aspectos confirmam essa grandeza: a extensão; e a variedade de suas águas.

Em referência à extensão, a bacia Amazônica cobre cerca de 6 milhões de km². É formada pela bacia hidrográfica do Rio Amazonas cujos principais afluentes são o Japurá, Içá, Negro, Nhamundá, Trombetas, Jari, Javari, Jutaí, Juruá, Purus, Madeira, Tapajós e Xingu; e, pela bacia do Araguaia-Tocantins com seus rios principais, o Araguaia, o Tocantins e o rio das Mortes. Abrange 1.100 afluentes ao longo de seu trajeto. O rio Amazonas é o maior deles. Desagua no Oceano Atlântico “lançando ao mar cerca de 175 milhões de litros d’água a cada segundo”³.

No condizente as variedades de suas águas, há diferentes colorações e componentes nos rios: de águas brancas; de águas pretas; águas azul-esverdeadas. Como parte desse conjunto confirmam-se os igarapés, os lagos, os igapós, os aningais, os paranás e as restingas. Estes últimos sofrem a influência do movimento de subida e descida da água dos grandes rios. Esse movimento influencia o dinamismo da vida da população, sobretudo, os ribeirinhos que vivem junto às suas margens e adaptam-se às suas condições⁴.

¹ CNBB, Campanha da Fraternidade 2017: Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2016, nº 30; 31.

² CNBB, Campanha da Fraternidade 2017, nº 31.

³ CNBB, Campanha da Fraternidade 2017, nº 33; COSTA, Ivair da S. Uma contribuição ética de alguns mitos amazônicos diante da reflexão do iminente colapso ecológico da água: aproximação teológica. 2010. 290 p. Tese de doutorado em Teologia. Pontifícia Universidade São Paulo, p.19.

⁴ COSTA, Ivair da S. p. 19-23.



B) DIVERSIDADE HUMANA

A Amazônia tem sua população formada a partir de três grupos humanos principais: os primeiros habitantes indígenas; os europeus portugueses com seus acompanhantes escravos; e os nordestinos. Desde o século XVI, Portugal investiu na região construindo seus ‘Fortes’ para proteger os territórios sob seu domínio. Notadamente a partir de 1620, foram erguidos 44 fortificações portuguesas. No período do governo de Marquês de Pombal (atuou como ministro nos anos 1750-1777)⁵, teve início a prática de trazer famílias europeias e africanas inteiras para a Amazônia. Movimento semelhante se deu nos dois tempos fortes da borracha: entre os anos 1877 e 1900 desembarcaram no Amazonas cerca de 160 mil nordestinos. E em 1943, o governo criou o batalhão da borracha conduzindo 56 mil jovens soldados prometendo uma vida de realizações, na verdade, entregando-os ao poder dos seringalistas nas brenhas das matas⁶.

A população da Amazônia legal era de 24 milhões nos dados do censo 2010. Entre indígenas, posseiros, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas e muitas comunidades espalhadas no território⁷. Pode-se falar em três grupos territoriais de habitação: as áreas de várzea, as regiões de terra-firme e as cidades. Eis uma breve descrição. “As várzeas altas (do alto-amazonas), várzeas baixas (do baixo e médio-amazonas) e as várzeas do estuário do Amazonas (várzeas do delta incluindo a ilha do Marajó e as demais ilhas)”⁸. Também a terra-firme é formada por áreas distintas e diversas, destacando-se as “florestas pluviais, florestas decíduas, savanas bem drenadas, savanas mal drenadas, florestas antropogênicas e florestas montanhosas”⁹.

No referente às cidades conclui-se que há um continuado processo de urbanização, isto é, de aglomeração de pessoas nos centros urbanos. Há poucas cidades com o status de metrópoles, excetuando-se algumas capitais. Há muitos fatores comuns, embora haja também situações diversas e adversas entre os habitantes das áreas urbanas: o centro, a periferia, as áreas nobres, os parques residenciais, os conjuntos populares, os bairros de casas mais simples, as ocupações, os loteamentos, etc. O crescente número de moradores, incha esses espaços e esvazia a área rural¹⁰. Cresce a população, sem a oferta de direitos e serviços básicos para uma vida com qualidade nas cidades. Por outro lado, a cultura urbana penetra os espaços tradicionais¹¹, alterando o ritmo, costumes, expressões culturais do povo.

⁵ PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de história do Amazonas*, Manaus: Editora Valer, 2000, p.81-82.

⁶ COSTA, Gelmino. Migração na Amazônia, in GUIDOTTI, Humberto; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs), *A Igreja Arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 56-59.

⁷ CNBB, 2017, nº 40.

⁸ COSTA, Ivair da S. p. 25.

⁹ COSTA, Ivair da S. p. 26.

¹⁰ COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA, Mensagem de D. Cláudio Cardeal Hummes. II Encontro da Igreja Católica na Amazônia. Belém-PA, 2016, p. 14. Disponível em <<repam.org.br/download/multimedia/.../83e1990652c2ae8467a33e3885adec2a.pdf >> acesso em 31 de julho de 2017.

¹¹ Processo denominado de “‘rurbanização’ (vida urbana no campo)”. ORIOLO, Edson. *Paróquia renovada: sinal e esperança*. São Paulo: Paulus. 2017. p. 112.



C) DIVERSIDADE CULTURAL

A realidade cultural é múltipla em suas expressões. Por ora basta destacar o aspecto festivo e as falas do povo. O caráter festivo dos amazônidas revela a habilidade de viver e conviver fraternalmente com a comunidade humana e relacionar-se respeitosamente com a natureza. As festas traduzem um ritmo de vida no qual o tempo é vivido de modo distinto ao estilo capitalista¹². Citam-se as festas populares e as festas religiosas.

As festas revelam por um lado, a marca da evangelização na vida das populações desde o século XVI. Em sua maioria não se trata de conhecimento profunda acerca da fé ou da religião, mas, da espiritualidade ou religiosidade popular, traduzida na devoção aos santos. O grande destaque é o Círio de Nazaré em Belém¹³. Por outro lado, percebe-se a velha prática do pão e do circo. Os governos investem ou se aproveitam da participação nas festas populares e injetam recursos públicos buscando ganhar aprovação ou canalizar recursos para interesses particulares. Dentre essas grandes festas citam-se o sairé no Pará e o Boi Bumbá de Parintins no Amazonas¹⁴.

O estudo sobre a fala apresenta dois aspectos notórios: a estreita relação com a região de nascimento das pessoas; as histórias e lendas. Assim, na Amazônia há muitas peculiaridades na fala do povo: no modo de pronunciar as palavras; no ritmo da voz; nas frases de efeito; nos ditos populares; nos mitos e lendas regionais. Em concordância com Ferreira, pode-se perceber diferenças nas línguas amazônidas: as mais próximas às fronteiras; as indígenas; os 'dialetos amazônicos'; as entonações distintas entre os moradores dos altos rios e das áreas mais próximas aos centros urbanos¹⁵. Dentre tantos estudos realizados, Maria do Carmo P. Coelho, em sua tese doutoral cita uma lista de vinte lendas amazônicas e treze histórias contadas na região, como parte do patrimônio linguístico dos indígenas contadas na região¹⁶.

Todos esses elementos fazem parte da vida dos povos amazônicos, os quais desde sempre expressam a consciência da presença do transcendente em sua história. Seja pela compreensão natural, seja pela consciência da fé cristã apresentada pelos missionários de outrora e de hoje, mesclada com suas experiências religiosas vividas antes da chegada do cristianismo, sobretudo, católico.

¹² GORDIANO, Raimundo. A festa do povo de Deus. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vo. 10, n.18. jul/dez. 2016, p. 157.

¹³ COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA, Igreja: história e missionariedade na Amazônia. II Encontro da Igreja Católica na Amazônia. Belém-PA. 2016. p. 28.

¹⁴ LUÍNDIA, Luiza E.A. Festas, festas de santo: rituais amazônicos. In XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande/MS. 2001. p. 10.

¹⁵ FERREIRA, Katriana J.F. Sociolinguística e educação: uma abordagem para o estudo de língua, linguagem e sociedade amazônica. In: *Web-Revista Sociodialeto UEMS/Campo Grande*. vol.4, nº 11, nov. 2013, p.395-396.

¹⁶ COELHO, Maria do Carmo P. As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias. 2003. 206 p. Tese de doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade São Paulo. p.141-204.



2. DOIS ASPECTOS DAS AÇÕES ECLESIAIS DA IGREJA NA AMAZÔNIA

Neste chão permeado de águas, a Igreja ‘armou sua tenda’ encarnando-se como família de Deus¹⁷. Deu passos no sentido de viver, e ser missão junto a esses povos. Não se trata mais de fazer missão ou ensinar tudo a quem desconhece a verdade de Cristo e de seu Reino, e, depois voltar para casa. Mais eficazmente entende-se a vivência missionária como partilha do dom da fé, entre o povo que acolhe e aqueles que são enviados de outras regiões. Em vista dos objetivos almejados lista-se somente dois aspectos da ação eclesial na região: dois métodos evangelizadores; os encontros dos bispos com as iniciativas deles decorrentes.

A) DOIS MÉTODOS EVANGELIZADORES

Dois métodos complementares de evangelização são relevantes nesse espaço geográfico: as desobrigas e as comunidades. As desobrigas encontram-se registradas desde o período colonial. Superando o uso inicial de ‘domesticação’ aos indígenas, atingiu três sentidos diferentes: o desencargo das obrigações cristãs frequentes; o espaço de partilha da catequese; o instrumento de motivação da união social e comunitária ao qual deu origem a localidades, freguesias e posteriormente várias cidades.

O passo seguinte às desobrigas foi a metodologia das comunidades, desenvolvidas sob a inspiração das Comunidades Eclesiais de Base. Concorde com as ideias da Teologia da Libertação que suscitava a fidelidade a Deus e o amor aos mais necessitados, tendo no pobre o beneficiário e agente da sua própria libertação¹⁸. Embora os frutos se deram na organização cidadã do povo na luta por seus direitos e, na consciência da fé, os avanços não foram contemplados por todos.

Constata-se muitas localidades onde a presença do missionário se faz, quando possível, uma vez ao ano acarretando o enfraquecimento da unidade, a ida para outras igrejas, ao mesmo tempo indicando a necessidade de renovação na evangelização a estas populações, conforme refletiu Maria S. de Camargo¹⁹: a presença ou permanência de ministros nas comunidades para a celebração da eucaristia; a formação continuada de pregadores da Palavra; dentre outros.

A Igreja construída na Amazônia ganha, lentamente, rosto próprio. Às vezes antecipa-se aos riscos lendo os sinais dos tempos e aproveitando as possibilidades de diminuir os fortes impactos negativos dos projetos nefastos impostos sobre a região. Outras vezes sofre dificuldades por não conseguir abertura efetiva de seus líderes para implantar as mudanças necessárias para o bem de todos. Estas situações são refletidas nos Encontros dos bispos da Amazônia.

¹⁷ CNBB- REGIONAL NORTE I. A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia- Documento de Manaus (1997), In: GUIDOTTI, Humberto; OLIVEIRA, José Aldemir de. *A Igreja arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 265-285.

¹⁸ Cf. LACERDA, Paula Mendes. Movimentos sociais na Amazônia: articulações possíveis entre gênero, religião e Estado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 1, jan.-abr. 2013. p. 158.

¹⁹ CAMARGO, Maria S. de. A realidade da Eucaristia nas comunidades do interior do Amazonas. In: COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA, *Igreja: história e missionariedade na Amazônia. II Encontro da Igreja Católica na Amazônia*. Belém-PA. 2016. p. 28.



B) ENCONTROS DOS BISPOS DA AMAZÔNIA

Os Encontros dos bispos da Amazônia são realizados desde o ano de 1952, repetindo-se e ampliando a cada ano ou a cada período segundo a necessidade e a abrangência. Há os encontros dos regionais da CNBB, os quais na Amazônia brasileira envolvem atualmente o Norte I (Am e Rr), Norte II (Pará e Amapá), Norte III (Tocantins), Noroeste (Acre, Sul do Amazonas e Rondônia), Oeste II (Mato Grosso) e Nordeste V (Maranhão). Ao longo desses anos alguns encontros ganharam notoriedade histórica, destacando-se aqui: o Encontro de Santarém em 1972; o primeiro Encontro da Igreja Católica da Amazônia.

Em julho de 1952 foi o primeiro encontro dos bispos da Amazônia em Belém, mas, o que inaugurou a articulação evangelizadora na região foi o Encontro de Santarém em 1972 com o Documento “Linhas prioritárias para a pastoral na Amazônia” no qual foram assumidas as diretrizes “Encarnação na realidade e evangelização libertadora”²⁰. Celebrando os 25 desse encontro, o Documento “A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”, confirma e amplia essas diretrizes, contempla seu rosto próprio como discípula da Palavra, testemunha do diálogo, servidora da vida e irmã da criação²¹. Em 2012 celebrou-se 40 anos desse grande evento na cidade de Santarém com o texto final “Igreja na Amazônia: memória e compromisso”²².

O I Encontro da Igreja Católica na Amazônia foi realizado em outro de 2013 na cidade de Manaus. Sua importância se dá como parte do processo de criação da REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônia), cujas articulações iniciais se deram como o Encontro de Bispos da Pan-Amazônia (2004), e a V Conferência de Aparecida (2007). Em 2009 os Bispos da Pan-Amazônia reuniram-se em Manaus e avançaram no projeto que culminou com a formalização da rede em Brasília (2014). O II Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal (2016) fez memória dessa caminhada e apontou outros traços da evangelização atual considerando as inspirações do Papa Francisco.

Como parte da caminhada dessa Igreja regional, os frutos desse encontro são significativos no processo evangelizador. Incluem os Centros de Formação (para evangelizadores leigos, consagrados e ordenados), a organização social (comunidades, associações, sindicatos, ONGs, etc), os espaços de reflexão e construção de alternativas (rádios comunitárias, pesquisas, dentre outras), as grandes campanhas (CF 2007- Fraternidade e Amazônia; e os desdobramentos em 2010- Fraternidade e a Vida no Planeta; e 2017- Biomas brasileiros e defesa da vida). Essas experiências contêm elementos para o aprofundamento teológico com as características amazônicas.

²⁰ CNBB, Igreja na Amazônia, memória e compromisso- Conclusões do Encontro de Santarém 2012. In: CNBB, Desafios Missionário- Documento da Igreja na Amazônia- Coletânea. Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 225.

²¹ CNBB, A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia. In: GUIDOTTI, Humberto; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs), *A Igreja Arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 270-278.

²² CNBB, Igreja na Amazônia, memória e compromisso- Conclusões do Encontro de Santarém 2012.



3. TRÊS ELEMENTOS RELEVANTES NA ARTICULAÇÃO DA TEOLOGIA AMAZÔNICA

Três traços da vida amazônica em destaque inspiram um olhar teológico: a vivência do amazônida; a experiência religiosa; a cultura popular. Tal como na Bíblia, o primeiro aspecto contemplado na Amazônia é a criação. “No princípio Deus criou o céu e a terra... e viu tudo que havia feito... e tudo era bom”.

A) A VIVÊNCIA DO AMAZÔNIDA

A natureza com seus mistérios não teoriza, mas fala do mistério divino. É imbricada à vida humana. Com ela os primeiros filhos locais sabem relacionar-se e tem muito a ensinar aos filhos de hoje. Tal relação espelha o cumprimento do dever de ‘governar, proteger, respeitar e cuidar da criação’, sem destruir, sem saquear, sem oprimir uns aos outros. Nessa teia de vida comum, a ganância do lucro desmedido não combina com a comunhão e entrelaçamento de vida natural e humana. A natureza é respeitada em sua sacralidade pela experiência religiosa.

B) A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

A religiosidade e espiritualidade vão além e aquém da liturgia e das formalidades da Igreja. É marcada sobretudo pela devoção aos santos e pela organização comunitária. Nesse vasto mundo a ação da Igreja, ecoa como a voz dos profetas bíblicos, convidados a construir uma profecia comunitária e ajudando o povo a manter-se fiel ao Deus da Aliança sem fugir do compromisso com a vida dos pobres, esquecidos nos rincões mais distantes, lembrados pelo poder público só nos tempos de eleição.

Por outro lado, a experiência das pequenas comunidades cristãs faz entrever o aspecto de gratuidade, intimidade e proximidade contemplados nos primórdios do cristianismo, onde todos se conheciam e mantinham um clima familiar. O grande fundador das comunidades, São Paulo, deixa perceber esse aspecto ao citar o nome dos familiares de alguns companheiros de viagem (a vó Lídia, a tia...).

Ademais essa vivência comunitária aponta caminhos de enfrentamento e superação de vários limites e fraquezas: o devocionismo sem fundamento bíblico; sacramentalização sem catequese; celebração ou pregações sem relação com a vida. São portas de entradas e desafios para os evangelizadores que veem oportunidades e possibilidades de vivência do Evangelho e renovação de seu ardor missionário. Sentem-se chamados a ser ‘Igreja em saída’ e tornar-se povo com o povo (São Paulo).

C) A CULTURA POPULAR

A cultura popular revela muito dos valores assimilados em seu jeito de viver. Ao contemplar Jesus, percebe-se as expressões de seu tempo nas parábolas com imagens e falas da vida dos mais simples (Mateus...). Na realidade amazônica há muitas expressões usadas que demonstram uma profunda marca religiosa na vida da população: o costume de pedir a bênção aos pais, aos irmãos mais velhos, aos parentes e padrinhos; a prática de benzer-se ao sair de



casa e ao passar em frente da Igreja; as palavras religiosas pronunciadas como interjeições – se Deus quiser, graças a Deus, só Deus tem dó; dentre outras. Outra riqueza que demonstra a cultura cristã na vida do povo são os mitos e lendas da cultura oral. Não obstante sinalizar para fantasias e medos, deixam entrever a certeza da presença do criador junto à sua obra, a existência de outros seres e a necessidade do respeito a todas as formas de vida.

Tudo isso precisa ser considerado como tradução de um jeito de ser e viver que pode enriquecer e renovar a reflexão teológica e pastoral, bem como a ação evangelizadora da Igreja na Amazônia e em todo o mundo. Como bem disse o Papa, a Amazônia é ‘como um teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade’.

CONCLUSÃO

A Amazônia é plural em seus aspectos naturais, humanos e culturais. A presença de Deus se faz notar na vida transbordante da natureza, na vivência comunitária e solidária do povo e no ardor natural e necessário da Igreja para lidar com as grandes dimensões territoriais e complexidades existenciais. A Igreja tem um ritmo próprio de desenvolvimento e atuação a qual exige habilidade de reflexão para ajudar na eficácia da evangelização e superar o risco do puro ativismo.

A teologia amazônica tem diante de si: o olhar contemplativo do paraíso do gênesis amazônico; a consciência da entrada do pecado e da exploração do capital que põe em risco toda a obra criada por Deus; a esperança escatológica a fim de enfrentar os desafios da Babel histórica e continuar a construção do Reino até a descida da Jerusalém celeste. Exige, portanto, uma articulação teológica capaz de harmonizar os vários fatores dissonantes ou diferentes: teórico e prático; religioso e social; oficial e alternativo; eterno e temporal.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARGO, Maria S. de. A realidade da Eucaristia nas comunidades do interior do Amazonas. In: COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA, Igreja: *história e missionariedade na Amazônia. II Encontro da Igreja Católica na Amazônia*. Belém-PA. 2016.
- CNBB - REGIONAL NORTE I. A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia- Documento de Manaus (1997). In: GUIDOTTI, Humberto; OLIVEIRA, José Aldemir de. *A Igreja arma sua tenda na Amazônia*, Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 265-285.
- CNBB. Campanha da Fraternidade 2017: Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2016.
- CNBB. Igreja na Amazônia, memória e compromisso- Conclusões do Encontro de Santarém 2012. In: CNBB, *Desafios Missionário- Documento da Igreja na Amazônia- Coletânea*. Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 218-265.
- COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA. *Igreja: história e missionariedade na Amazônia. II Encontro da Igreja Católica na Amazônia*. Belém-PA. 2016.
- COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA. Mensagem de D. Cláudio Cardeal Hummes. *II Encontro da Igreja Católica na Amazônia*. Belém-PA, 2016. Disponível em <<repam.org.br/download/multimedia/.../83e1990652c2ae8467a33e3885adec2a.pdf >> acesso em 31 de julho de 2017.



- COELHO, Maria do Carmo P. As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias. 2003. 206 p. Tese de doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade São Paulo.
- COSTA, Gelmino. Migração na Amazônia. In: GUIDOTTI, Humberto; OLIVEIRA, José Aldemir (orgs), *A Igreja Arma sua tenda na Amazônia*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, p. 56-68.
- COSTA, Ivair da S. Uma contribuição ética de alguns mitos amazônicos diante da reflexão do iminente colapso ecológico da água: aproximação teológica. 2010. 290 p. Tese de doutorado em Teologia. Pontifícia Universidade São Paulo.
- FERREIRA, Katriana J.F. Sociolinguística e educação: uma abordagem para o estudo de língua, linguagem e sociedade amazônica. In: *Web-Revista Sociodialeto UEMS/Campo Grande*. vol.4, nº 11, nov. 2013, p.395-396.
- GORDIANO, Raimundo. A festa do povo de Deus. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vo. 10, n.18. jul/dez. 2016, p. 156-167.
- LACERDA, Paula Mendes. Movimentos sociais na Amazônia: articulações possíveis entre gênero, religião e Estado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 8, n. 1, jan.-abr. 2013. p. 153-168.
- LUÍNDIA, Luiza E.A. Festas, festas de santo: rituais amazônicos. In: XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação. Campo Grande/MS. 2001. p. 1-14.
- PONTES FILHO, Raimundo Pereira. *Estudos de história do Amazonas*, Manaus: Editora Valer, 2000, p.81-82.

Recebido em: 04/07/2017
Aprovado em: 15/11/2017